



O Gaiato

13 DE JUNHO DE 1966
ANO XXIII — N.º 581 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Aqui, Lisboa!

Julgamos chegada a hora de lançar a público a grande campanha de aquisição de fundos para levar avante o empreendimento da construção da Aldeia, aliás com a nova escola quase concluída, imprimindo um ritmo e um dinamismo capazes de, entre 5 a 10 anos, nos levar a possuir nas cercanias da Capital uma Casa do Gaiato digna desse nome e de acordo com a projecção do grande e inesquecível Apóstolo da Juventude de que nos honramos de ser humildes continuadores. A par com a batalha de todos os momentos que é a de fazer desabrochar em cada um dos nossos Rapazes os valores mais sadios, limando possíveis arestas e ajudando à descoberta de autênticos tesouros, tantas vezes desconhecidos

dos próprios detentores, há que procurar firme e decididamente um «habitat» propício à aplicação e desenvolvimento dos frutos de um processo educativo com provas dadas.

Que trilhamos caminho consistente não temos dúvida e queremos ter bem presente Pai Américo. Os testemunhos de nacionais e estrangeiros animam-nos a prosseguir na rota traçada. Ainda há bem pouco, Amigo de nacionalidade francesa, após permanência entre nós de mais de seis meses, com experiência adquirida em contacto com estabelecimentos congêneres em França, se admirava dos resultados obtidos em condições precárias no aspecto material, aqui no Tojal, enquanto, ao lado de deficiências de pormenor, nos apontava a revelação que tinha sido para si o nosso viver. É possível, diga-se de passagem, que nem todos nos compreendam, por mal nos conhecerem, mas a esses convidamos a passar uns dias entre nós: o caldo e a cama esperam-vos.



Um lago, um barco e três sorrisos, mostram quanto há de belo no casal Américo e Olímpia. O Paulo Alexandre é a nota viva.

MALANJE

Estanes na exposição-feira de Malanje, numa barraca simples, mas que ficou um amor. Há calor lá dentro. O Neca fez um arranjo quente — com as fotografias das casas, das obras, da quinta, e com as plantas do que falta fazer. Lá estão também as belezas que ele aprisionou: pássaros, um macaco, um milhafre a dominar um rato (e ficou ainda em casa a colecção das cobras!). Mas o Neca criou também beleza no gaiato de gesso, nos quadros das queimadas, nas jarras de bambu. O Sr. Secretário Provincial de Agricultura entrou. Tavares, discretamente, entregou-lhe um pedido de ajuda para uma harragem de terras, que vai criar uma albufeira para rega. Precisamos tanto desta obra! Que ele nos ouça.

reparte o que sobra, claro, depois de ter feito todos os empregados participantes nos lucros.

Função social!
Justiça!
Autêntico cristianismo!
A riqueza só é válida quando função social e sem colidir com os carris da justiça, que se traduz em salários justos. Quando ela se fez amarfanhando o Homem, é desonesta. E se ela se processa, simples e unicamente, a favor de um — pisando os outros e calcando tudo —, é um triste drama social. Que os grandes capitais sejam, não só, patamares de desenvolvimento económico, mas, a par, promovam o homem e não ultrajem a justiça.

Fomos lembrados carinhosamente pelo Sr. Peralta com cinquenta sacos de cimento e pelo Sr. Arrais com outros tantos. Que o Senhor lhes pa-

Cont. na página DOIS

Continua na página 2

AREIAS DO CAVACO

FESTAS — Ontem de tarde, Américo mais eu fomos para a rua. Demos voltas pelas casas de especialidade, em busca de panos para o guarda roupa das nossas Festas, marcadas para os primeiros dias de Agosto, em Benguela, Lobito e Catumbela. Esperamos que o Monumental e o Imperium nos abram as portas com as mesmas facilidades do ano passado, que a mudança de dono não significa necessariamente mudança de maneira de pensar.

Havemos também de subir os degraus de mármore da Direcção Geral do C. F. B. a pedir transporte que nos leve ao Luso, Silva Porto e Nova Lisboa. A Obra de Pai Américo tem muitos Amigos que a conhecem apenas através do jornal «O Gaiato», que não lhes pode dar mais do que a imagem.

CONTINUA NA PÁGINA QUATRO

Tribuna de Coimbra

Um diário publicava ontem esta notícia: «Pouco passava do meio dia. Na praça do peixe, encontravam-se seis crianças abandonadas, respectivamente de 2, 4, 5, 7, 9, 11 anos, cujos pais, ele fotógrafo ambulante e ela também vendedeira ambulante, haviam sido detidos há cinco dias pela P. S. P. por andarem a vender numa zona interdida à actividade dos vendedores ambulantes. A mãe levava consigo para a prisão a filha mais novinha, apenas de 10 meses.

O fotógrafo, do Alentejo, sofre de doença incurável, uma angina de peito. A mãe nasceu na Beira Alta. Viveram até há anos em Abrantes, mas vieram fixar residência nos arrabaldes da cidade, para estarem mais perto do outro filho de 16 anos, que tivera de recolher ao Sanatório. As vendedeiras do mercado, numa bela nitidez de solidariedade, tomaram conta das crianças.

Não queremos intrometer-nos nos actos dos

agentes da autoridade, nem ousamos fazer comentários à atitude de quem irá julgar estes processados. Mas a verdade é que quando nos chegam notícias destas ficamos esmagados debaixo das leis e dos processos.

Temos enxugado lágrimas sem conta de gente multada por andar a vender, por angariar o pão que não poderia angariar de outro modo.

Temos até pago multas para os livrar de cair em mais miséria. Temos escutado gente revoltada por sentir estas amarras na vida.

Há dias, ns Criaditas dos Pobres trouxeram-nos uma família a queixar-se do mesmo mal. Pais e três filhos pequenos. Ele é aleijado das pernas e muito doente. Ela é um esqueleto ambulante e sem cor, que tem passado temporadas longas nos hospitais.

CONTINUA NA PAGINA DOIS

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

Para as hipóteses de despeito ou frustração, também de considerar, vai a manifestação de sentida Caridade. Mas sempre adiantaremos que, nem a inteligência nem a capacidade de educar são exclusivos de alguns, nem pelo simples facto de se trazer debaixo do braço, em atitude petulante, qualquer livro de psicologia ou pedagogias modernas, nos podemos considerar condutores de jovens e, quanto mais, formadores de Homens, dignos e capazes, que embora do nosso tempo, tenham estrutura moral e espiritual como bases essenciais do carácter.

Retomemos, porém, a ideia inicial: a necessidade imperiosa de construirmos no Tojal uma Aldeia ao nível das exigências dos Rapazes, obra séria e eficaz, onde os condicionamentos da actuação se encontram, tanto quanto possa ser, apenas na opção que cada um tem de realizar entre os caminhos do bem e do mal, dado que se pretende o respeito absoluto da dignidade e liberdade humanas, procurando-se a adesão consciente e livre de cada Rapaz ao fazer suas as exigências da Verdade e do Bem que lhes são apontados.

No ano transacto, só em dinheiro, passaram pelas nossas mãos cerca de 1.900 contos e apenas à volta de 150 nos vieram de vias oficiais ou aparentadas. O restante veio-nos do trabalho ou da venda de algum produto da quinta e, fundamentalmente, do contributo generoso do Povo. Pois é a este Povo sacrificado, aos nossos Amigos situados em todos os sectores da escala social, aos milhares de Leitores quinzenais de «O Gaiato», aos Lisboetas que sentem o problema da Juventude abandonada ou em perigo, a todos os Portugueses em geral, que lançamos, destas colunas, com toda a força de uma alma entusiasmada, este apelo veemente: precisamos de 1.000 contos para a arrancada decisiva que há-de levar a cabo o sonho de termos uma Casa do Gaiato de Lisboa condigna, que importará, segundo previsões optimistas, em mais de 5 mil!

Como será possível? Que ousadia, dirão! Pois nós acreditamos que os teremos. É

que não se trata de obra de fachada ou de mera fantasia de um lunático. Os Rapazes precisam, a Obra é de Deus e de todos nós; daí toda a força e a certeza do êxito a alcançar. Mãos dadas, todos: os Rapazes com o seu trabalho, desde o mais pequenino ao maior; o sacerdote com a entrega incondicional da própria vida; e vós com a contribuição material e, se acaso tendes Fé, com as vossas próprias orações. E pronto, é obra feita.

Para finalizar não queremos deixar de fazer uma ligeira reflexão, capaz de encorajar os mais pessimistas ou de demover os mais perdulários e esbanjadores das suas atitudes. Neste tempo de férias que se aproxima, sobretudo, não é ocasião das maiores dissipações de bens, aliás nem sempre muito equilibradas e

justamente e até com escândalo dos próprios irmãos menos favorecidos? Que são 50, 100 ou 200 escudos, ao fim e ao cabo, para tanta gente, que se entrega ao dispêndio de milhares de escudos, em jogos, em luxos, em passeios ou em divertimentos, infelizmente nem sempre honestos? Há dias, por acto de Fé, escusámos um testemunho no valor de 10 ou 12 mil contos, com a simplicidade que tempos antes havíamos posto na rejeição de uma herdade e de outros valores. Nós não somos administradores de bens, como disse Pai Américo, mas também hoje, com a mesma Fé das rejeições expostas, acreditamos: os mil contos aparecerão e a Aldeia do Tojal será uma realidade viva e insofismável.

Padre Luiz



AI QUE LINDO PAR! SÃO OS AMORES DO MANEL «COCO».

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

Quantas vezes os tenho topado nos becos da Baixa a fugir à polícia! Agora andam desanimados e revoltados. Vendem por conta doutro e não recebem quase na-

da. O pão para os filhos é dado por esmola e eles trabalham. Sentem-se objecto de injustiça. Querem comer e dar pão aos filhos sem ser por esmola. A esmola definha quem tem consciência do valor do seu trabalho. Prometem equilibrar a vida se venderem por conta própria. Amanhã conto encher-lhes a ceira e o tabuleiro e mandá-los contentes.

A notícia publicada ontem não é única. Quantas vezes temos recebido meninos porque os pais estão presos! Mas se o caso de ontem não é único, é pelo menos de muito meditar. Ele com doença incurável e ela tão generosamente mãe sete vezes! Quantas vezes escutamos os pobres a confidenciar-nos que aceitam os filhos que Deus lhe manda, pois os ricos não os querem.

Estes pais vieram viver para junto do Sanatório onde o filho está internado. Se fossem ricos ficariam na sua terra, pois teriam dinheiro para viagens. Assim pobres, deixam tudo e vão com os filhos pequeninos para junto do doente.

Curvemo-nos diante deles e deixemo-los lutar pelo direito à vida.

Ai de nós se não houvesse leis! Mas ai das leis e dos que as hão-de fazer cumprir se lhes falta o espírito! — É morte.

Padre Duarte

Padre Horácio

Lar Operário em Lamego

Lemos há pouco uma carta do Padre Horácio, de Coimbra, dizendo que se abrissemos mais uma Casa do Gaiato, esta ficaria cheia imediatamente. Era a resposta a vários pedidos que têm chegado para admissão de crianças que não estão nas condições de serem recebidas no Lar. Custa-nos muito dizer que não, mas cada obra tem a sua finalidade e em tudo é preciso uma certa organização. Se por amor a uns dizemos que sim, é ainda por amor que a outros temos de informar não ser aqui o lugar deles. Nestas circunstâncias empregamos sempre os esforços possíveis para ajudar a encontrar solução. Há ainda outros casos que batem à porta do Lar e que não se relacionam com rapazes, mas que não deixam de ser histórias verdadeiras e tristes de alguém que sofre. Ouvi-las com atenção é já fazer bem, pois o Apóstolo manda-nos sofrer e chorar com os que choram e sofrem. Fazer nossos os casos de cada um, é aliviar males físicos e curar feridas do coração. Quando poderemos dizer simplesmente para «despachar» isso não é connosco? As dores e as aflições do próximo não estão catalogadas e a Lei do amor não traz alíneas nem parágrafos. Se em nossas mãos não estiver o remédio para cada chaga, deve pelo menos ficar dentro

de nós a mágoa de não lhe poder valer e o desejo de os ver partir com uma esperança.

Do Lar, informamos que têm estado internados no Hospital da cidade, dois rapazes. É o Zé e o Antonino. O primeiro caiu e ficou com uma perna muito mal tratada, estando na cama há mais de um mês. Ali temos ido muitas vezes, e aos domingos vão os companheiros. Várias pessoas nos têm perguntado por ele e nós ficamos contentes por saber que o Zé é estimado e acarinhado. Alguém nos disse que isto se deve às maneiras educadas do rapaz e é por isso que damos a notícia, para que os outros companheiros tenham ocasião de reflectir. Pode a bondade existir no coração dos homens, mas o nosso bom procedimento vai contribuir para que a mesma bondade umas vezes se multiplique e outras se manifeste.

Diz o Evangelho que não é prudente aquele que iniciou a construção da casa sem ver primeiro se a podia levar até ao fim. Não queremos merecer a censura, no que se refere ao Lar, mas ela cairá sobre alguém se as coisas se vierem a complicar. Não estava previsto ser da nossa conta as despesas em medicamentos, roupas, corte de cabelos, calçado, fatos macacos, etc.. Ora aconteceu que nos temos visto em circunstâncias tais que tudo aquilo nos vem parar às mãos.

A última factura de camisolas interiores e meias, importou em 690\$00 que estamos a dever na Casa Lopes e Requeijo. Ali qualquer pessoa pode liquidar o nosso débito, ou então mandar ajuda para saldar. Estamos também embaraçados com o pano indicado para fatos macacos e são 4 rapazes que precisam deles. Só por hipótese se pode admitir que olhos honrados não caiam sobre estas lixas, mas nessa altura gostaríamos de saber quem mereceria o reparo apontado no Evangelho.

Continuação da 1.ª página

que, pois foi uma boa ajuda. A Snr.ª Doutora, que vem muitas vezes, veio com mil. Nossa amiga de Mafra com 100+100. Família Bragão, 300. Pessoal da secretaria do Liecu, 125 e: «embora pouco mas com caridade podemos alegrar os gaiatos». Ema Pereira, de Carmona, com 300 para os leprosos. P. Almeida com 100. Snr. D. Pompeu, para a nossa Páscua, 1600 — que o Senhor o melhore e o traga depressa.

Ao lado do Snr. Bispo vão ua procissão de hoje dois sacerdotes de Luanda, um com cinco mil, outro com 100. Que consolo nos dá a sua presença. Idalina Cabral, entre tantas vezes, desta com um saço de roupa e 100. Augusta Ribeiro de Carmona com 50 e uma lista de assinantes. Muitos visitantes e outros amigos que se têm lembrado de nós, estão também presentes nas nossas orações.

Padre Telmo



Cantinho dos que ficam

Foi há dias, em casa de um cliente nosso, de quem o somos também. Gente amiga.

Eu nunca ali tinha ido. Alguém perguntou se era eu o fulano. Que sim. E ele acrescentou: — Foi o herdeiro da grande herança do P.e Américo!

— Sim, mas não sozinho... E eu pensava nos nossos pais.

Mas outro dos presentes adiantou-se:

— Sim, V. não é sozinho. O Manuel Pinto, o Júlio... são também herdeiros.

Este senhores são nossos clientes, clientes da Tipografia. Por isso falaram nestes dois, que pessoalmente conhecem, como tipo dos mais.

Tão breve e simples diálogo alimentou-me o resto da tarde. Por entre a multidão que enchia as ruas do Porto eu seguia, mas não via, não via ninguém nem nada senão só o meu pensamento: — Eles são também herdeiros...

No espírito de quem falava, a herança não era como as que o mundo cobiça: um grande patrimônio de direitos. Eu não me lembro agora, se o adjetivo com que o meu interlocutor qualificou herança, foi grande ou pesada. Não importa a palavra; a ideia era esta: de encargo, de responsabilidade. E foi na mesma mente que o outro esclareceu: — Sim... Eles são também herdeiros.

Com que simplicidade, que bem viu este nosso Amigo — e disse — o que deve ser o conceito de herança para aqueles que ficam!

Pai Américo deixou-nos um grande patrimônio — na verdade. E ao tomarmos-lo, nós não nos tornamos senhores dele, mas servos.

Este patrimônio é antes de mais riqueza espiritual: uma mensagem actualizada do Evangelho, uma revelação incarnada de que Cristo foi, e é e será entre os homens, o mais presente, o mais amigo dos Amigos.

E os homens entendem este sinal. Todos testemunhamos o seu entendimento no carinho com que eles nos acolhem.

A permanência deste fogo sagrado exige que ardamos como Pai Américo, que se deixou consumir nesta chama de amor.

Também o patrimônio que Pai Américo nos deixou tem já, hoje, uma expressão material notável. Porém, a nossa condição de servos permanece. Se o formos, fielmente, faremos render outro tanto o que recebemos. E na hora das contas verificaremos que o Senhor não desdisse o que disse: «O operário é digno do seu salário». Na Sua medida, Ele compensará o servo bom e fiel e empossá-lo-á em bens definitivos que a contradição não corrompe. Isto é o depois.

Agora, do patrimônio que recebemos, temos o direito de usufruir o que, em critério de sobriedade, é racionalmente necessário à vida.

Porém, para nós, o patrimônio será sempre de deveres, não de direitos. Dele seremos sempre servos, nunca senhores — sob pena de se nos aplicar o que Pai Américo escreveu, a respeito da qualidade dos rapazes a quem nos consagramos: «Que ninguém jamais deturpe. No dia em que, por desgraça, se viesse a receber a criança com dote por uma que o não tem; se viesse a tomar a criança bem comportada por uma que o não é — nesse dia entrava a maldição de Deus no seio da Obra. Era a sua decadência».

O difícil é a nossa parte na herança. O amargo, o resto que o mundo não cobiça, mas gera e costuma rejeitar — é o nosso bem.

«Que ninguém deturpe...» Portanto, que ninguém se iluda e jamais deixe entrar no seu coração o pensamento de que se pode ser servo com espírito de senhor, suportar deveres admitindo a cobiça de direitos. Isso seria um fermento de divisão. E um homem dividido em si mesmo, tal como o Reino de que fala o Evangelho, é um homem perdido para si e para os outros.

* No sentido de procurarmos acertar o passo, trabalhando com mais rendimento e eficiência na vinha do Senhor, tentamos agora enquadrar a nossa Conferência e a nossa acção no seio da família paroquial.

Já demos, em conjunto com as vicinias, uma grande volta pelos lares da paróquia — em busca de subscritores. Nem tudo foram rosas... Mas, no entanto, poucos recusaram um pouco do seu muito ou do seu pouco. Graças a Deus!

Houve até casos isolados de «loucas generosidade»; claro, entre a gente que menos pode... Lembro, a propósito, aquele pobre velhinho acamado, em tosco casebre situado na encosta de um monte que domina belos horizontes.

Chamámos por alguém. E topámos a filha. Pai doente, velho e acamado; que não! Também precisa... Tem os seus problemas. Chorou; chorou necessidades, a pobre da mulher! Lá dentro de casa, porém estava a resposta. E que resposta!

No termo das lamentações não víramos costas. Procurámos, antes, visitar e falar com o pobre velhinho. Entrámos. Um santo varão! Fora jornalista e ainda respira o ar dos campos. Olhos, ouvidos e cabeça pensante (só os membros lhe prejudicam a vida) acompanhara da cama, a conversa com sua filha, na soleira da porta. E, após os cumprimentos, não se fez esperar. Já sabia ao que íamos. — «É pra Conferência? Quero dar cinco escudos!» A filha quedou, estupefacta. As duas vicinias que me rodeavam, idem. Quedámos todos, afinal! E soltámos um não global. Porém, enquanto lhe vergava os braços, contestou com veemência — «O meu amigo, é o que a gente leva lá pra Cima!»

As maiorias vencem — nem sempre porém convencem. O certo, é que o pobre anfitrião — mesmo sem se despojar da mordida — foi o que deu mais. Fez e disse mais que todos. E o seu dar foi tema de meditação próximo da volta: o sal das negativas, e

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

a certeza de que o Senhor ia no meio de nós e quis mostrar não serem vãos os passos de quem trabalha por Seu amor.

O QUE RECEBEMOS — Há muito já que não damos cavaco. No meio de vós, porém, a lembrança permanece! E, tanto assim, que o sobrescrito está cheio de presenças vossas. Elas aí vão:

Cruz, da Beira, com 100\$00. De um sr. eng.º amigo, de Lisboa, coube-nos 2.000\$00. E 100\$00 da assinante 17740. A Missa foi celebrada. Mais 20\$ («é pouco, mas de boa vontade») de Rio de Moinhos — Ribatejo. 50\$00 do assinante 20856, de Espinho. E outros 20\$00 da assinante 13755. Idem, da n.º 31987, de Lisboa. E mais 20\$00 da Av. Antunes Guimarães — Porto. Outros 20\$00 de M. G. M. Alves, também da Invicta. E 50\$00 de um grande amigo das Caldas da Rainha. E o dobro de «Um zero», para repartir pelas quatro famílias mais necessitadas. Mais 40\$00 de Branca Coimbra, de algures. E a primeira remessa da assinante 17022. Mais 200\$00 de Uma Alentejana. Viva o Alentejo! E mais 100\$00 de «Um zero». Prometeu e cumpriu — demos graças a Deus! E aqui vai ele ainda com mais 100\$00. Nova presença da ass. 17740. Mais 100\$00 da R. das Taipas — Porto. E o mesmo, também do Porto, R. de Camões. «Ai Porto, Porto...!» Outra presença, ainda, da ass. 17740! E mais 100\$00 de Alice pequena. E outros 200\$00, acrescentando que «é muito pouquinho, mas é oferecido com

muito amor». Ora aqui é que reside o valor. S. João do Peso marca uma presença em cheio — coube-nos 1000\$00! Mais Porto, com 20\$00 pela mão da ass. 23998. E mais 100\$00 de Euclídia de Barcelos. E metade do ass. 359 — é dos primeiros! — residente em Paranhos, Porto. E 20\$00 de Torres Vedras. E mais 50\$00 da ass. 17740. E ainda mais 20\$00, do ass. 6202, de Gondomar. O mesmo de algures. Idem, de A. F., do Porto. Nunca falta! Mais 120\$00 da Horta-Faial, relativos ao 2.º semestre de 1965. Outra vez o Porto, com 60\$00, do 1.º semestre de 1966, enviados pelo nosso amigo Ezequiel. 10\$00 de Santo Amaro de Oeiras. Mais 50\$00 da ass. 17740. Isto é que tem sido um abrir de mãos! Lisboa com mais 100\$. Ass. 17022 com 20\$00, e mais 50\$00. Agora, temos 20\$00 de um nosso colega, já casado e tipógrafo, na cidade do Porto. Como apreciei o seu dar! 50\$00 do ass. 5400, de Lisboa. A capital tem despertado! Duas vezes 20\$ de uma Funcionária dos C. T. T. de Lourenço Marques. Outros 20\$00, de Ovar. E mais 20\$00 do ass. 13305. Novamente ass. 17740 com 20\$00! Metade de «Uma licista e sua Família». Um cliente da nossa Tipografia, de Cabeceiras de Basto, contente com o serviço executado mandou 50\$00 pra Conferência. 40\$00 e mais 20\$00 da ass. 17022! Finalmente, a Viúva do Porteiro com os seus 20\$00, sacrificados. São o Óbulo da Viúva!

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

A última crónica com este título, vem de antes da Páscoa. Nesta, muitas das ofertas que vês, trouxeram os religiosos votos Pascais. Obrigado por eles, pela vossa presença e pelas vossas migalhas.

Ao nosso assinante que assina «António», e que mensalmente, desde há 14 anos se apresenta com ofertas para vários fins, diremos que sim. A viúva de que fala o Famoso de 29/3/952, ainda vive e precisa. E a nossa mensalidade continua a atravessar o Tâmega. As outras, foram deixando de dar notícias. Mas há muitos casos e muitas mais necessidades, a que acorremos, graças a Deus.

A sua perseverança é digna de realce, caro Amigo. O Pai do Céu não o esquecerá.

E vamos ao rol:
Lisboa - 1 com os 100\$ de todos os meses. Do Sr. Manuel da R. da Corticeira, 2 presenças sempre amigas. E. D. M. com 20\$. Vale postal de 240\$, da vizinha Vila de Paredes, «Amiga da Obra» com os 200\$ de sempre. Anónimo com 20\$. Mais M. L. com 50\$. Anónima com 1.080\$ entregues no Espelho da Moda. Do Porto, 20\$. Lisboa com 200\$. Do grupo Excursionista «Os Vacanos do Viso», 197\$60. Mais 200\$ de «Os Fantasmas da Sé». E de Viana do Castelo, «Para o mais pobre dos Pobres», 100\$ e 120\$. Os habituais 75\$ em selos da

Amadora. Das alunas do 1.º ano do ciclo Preparatório da Escola Industrial de Pombal, 50\$00. Mais do Porto, 100\$. Idem de Galveias. Assinante do «dia 14», com 100\$, por alma da sua amada esposa. Pessoa amiga de Barcelona, com 500 pesetas. Do Porto, 50\$, 50\$, 100\$00, 60\$00, 20\$00 100\$, 50\$ e 1.900\$. Mais 100\$ de Lisboa. E 200\$ de algures. Joaquina com 50\$. Duas irmãs enviaram 40\$. Alcobaca com 50\$. De Luiza, 20\$. Mais 1.000\$, duma promessa feita em 1963. Anónima com 50\$. De Ferreira do Alentejo, 500\$. Assinante de Rio Tinto, com os 100\$ de todos os meses. A Comissão da Queima das Fitas do ano de 1965, entregou-nos o saldo existente, um cheque de 36.000\$. Obrigado e Deus vos ajude na vossa carreira.

De A. A. C., Corpi, Espinho, a oferta de 50\$. «De um Pecador», um número do nosso jornal muito procurado e por antigo, faltava em colecção. Mais 50\$ de Lisboa. R. D. com 200\$00. Roupas e uma cama de viagem de Algueirão. Camisas da Covilhã. Selos usados de Ancião. Roupas da Beira, Benavente e Aveiro. Livros de Lourenço Marques. Donativos vários para o Barredo. Das alunas do 2.º ano do Liceu Rainha Santa Isabel — Secção de Gaia, 3554\$. Casal amigo, residente em Neully com 20 francos. «Duma filha cheia de saudades de sua santa mãe», 500\$00.

Promesas várias com 20\$00, 500\$00, 100\$00, 50\$00, 50\$00, 20\$00 e 50\$00. Um primeiro ordenado de 691\$10. Mais o ass. 12322, com 600\$00. Roupas de Santarém. Livros escolares de Lisboa-3. Do Centro Vidreiro do Norte de Portugal, a oferta amiga de muitos copos. Mais 1.000\$ de Lordelo — Guimarães. E 500\$00 em dia de aniversário. Que o Senhor a ajude a festejar muito mais. M. B. com 20\$00. Mais Luanda, presente mensalmente. Uma libra do Canadá. Anónima com 20\$00. Leiria com 150\$00. Ass. 33775, de Perafita, 100\$00. E Porto com 200\$00.

Da Administração das Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos, a oferta sempre agradável e útil, de vária louça. A simpática oferta dos arrumadores do Teatro-Circo de Braga, aquando da nossa Festa nessa cidade. As gorjetas totalizaram 122\$40. Mais a amizade da Avó de Moscavide e sua oferta de 1.000\$00, dum anónimo do Porto, cumprida em moedas de tostão, durante o período em que esteve na Guiné um seu filho, prestando serviço militar. As migalhas si-

lenciosas de Soure e da Rua da Madalena. Como elas sabem bem!

E o cartãozinho que nunca falta, desta vez com 500\$: «Por Alma d'Aquela que eu tanto amava». E mais 50\$00 de «Uma amargurada pelo dia 23». Alunas da Escola Técnica de S. João da Madeira, com 150\$00. Pela passagem dum exame 100\$00. Por alma de Arnaldo Meireles, 130\$00. Gondomar com 100\$00. Igual quantia do Porto. Lisboa com 50\$00. Anónimo com 20\$00. Ao assinante 21454, dizemos que foi recebido o seu cheque de 100 francos. Carcavels com 50\$00. E de «Eterna Saudade», de Tomar, 50\$00.

Senhora muito dedicada aos nossos problemas, com 20 marcos. 3 ceiras de figos do Algarve, dum amigo da Obra que se encontra em férias. E 300\$00 de Framunde. E o muito que a vossa generosidade deposita no Espelho da Moda. De algumas operárias já reformadas da fábrica de Tecelagem do Jacinto, 120\$00 e 3 camisas.

Mais 210\$, produto das cotizações feitas pelos funcionários do Posto Fiscal da J. G. F. junto da Fábrica da Companhia Lusitana de Fósforos e alguns empregados da mesma Empresa. E um mundo de jogos e brinquedos que, de quando em vez, nos vem do Bazar Esmeriz, no Porto.

Bem hajam.

Manuel Pinto



PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

* **FESTAS** — Reduziu-se ao mínimo a presença do «Calvário» nas nossas festas. Pois seguir o roteiro dos «saltimbancos» será só para quem tem bom fôlego e sangue nas veias a fervilhar. Mas, nem por isso se deixou de vibrar com o carinho com que os rapazes foram distinguidos.

Como sempre, a maior representação daqui é destinada ao Porto. Fomos no princípio do roteiro das festas, e no Coliseu tiveram a abertura e o fecho. Gostámos, o que não é para surpreender. E alguns doentes, apesar de também gostarem de ver os rapazes a cantar e a dançar, ainda mais gostaram por ver tanta gente. Recordo-me de ouvir o Sr. António dizer para o João: «Volta a cabeça para o palco!» E este por resposta acenou com as mãos e disse: «Tanta gente!»

Sabemos que em todas as salas onde eles (os rapazes) se apresentaram tiveram lotações e corações a transbordar! Que as festas tenham tido o condão de dar a conhecer e amar cada vez mais os rapazes e doentes abandonados!

* **RELVA** — «A Primavera vai e volta sempre...» Mais uma vez a temos a reinar. Repetir o que muita gente diz acerca dela não valerá a pena.

Pois quem não gosta de ver as árvores e os campos floridos?!

O Inverno em geral estraga muita coisa, que na estação que decorre empresta maior beleza a estes recantos. Os cedros tão belos e alívios necessitam nestas ocasiões que se ande a endireitá-los. Mas o que tem causado maior tratamento é a relva. Quem nos visita à semana tem a prova.

Pois o Sr. Daniel quase não tem outra preocupação senão andar a pôr «remendos» nos locais mais atingidos. Até mesmo a renovar completamente canteiros inteiros.

Este ano calhou a vez ao canteiro situado na parte inferior da rampa de acesso ao pavilhão dos paralíticos. Foi todo semeado. Gostava que vissem a ansiedade do Sr. Daniel em ver quando ela cresce!

Dá trabalho... sim! Mas torna o Calvário ainda mais belo!!!

Manuel Simões

POEMA

Fecha o tempo de Quaresma,
Entra o da Ressurreição —
Tempo de fé e esperança
Para todo o povo cristão.

Se Jesus ressuscitou
Logo após à sua morte,
Pelos merecimentos de Cristo
Esperamos a mesma sorte.

Que dizes do sofrimento?
Pensarás que é grande mal...
Tenho-o como um alimento,
Uma refeição espiritual.

Repara por um momento
Quanto Jesus padeceu:
Foi duro o seu sofrimento
Mas depois subiu ao Céu.

Se houvesse outro caminho
Que não fosse o sofrimento,
Tinha Jesus com certeza
Dado também esse exemplo.

Se és doente e sofres muito,
Se vergas com o peso da Cruz,
Leva o espírito até ao Calvário:
Lá aprenderás com Jesus.

Se tendes alguém doente
E que espera o teu cuidado,
Ama-o, vê nele a Cristo
Naquela cama deitado.

Embora agora não vejas
Mas um dia rasgará o véu.
Lembra-te que só a caridade
Entra contigo no Céu.

Quando eu era pequenina
Sabia cantar assim:
Tudo se acaba na vida;
Só amar Deus não tem fim.

Virgínia

BELÉM

* **OS PINTAINHOS** — No dia 15 de Maio a nossa Avózinha deu-nos uma ninhada de nove pintainhos. Todas nós ficámos contentes, por termos mais galinhas.

Também já nasceu uma ninhada nossa com oito pintainhos.

Agora temos 17 galinhas, 17 pintainhos e 3 patos.

Nós gostamos muito de ter galinhas, mas o pior é que não sabemos guardá-las, deixamo-las ir para os campos que estão semeados e depois estragam tudo.

A galinha que a Avózinha nos deu caleou um pintainho e agora está com uma perna ligada. Vamos a ver se o pintainho se cura senão adeus pintainho.

Temos que tratar bem os pintainhos, para quando forem galinhas termos mais ovos para comer.

JINHA

* **O ESTIO** — O Verão está prestes a começar, mas já há uns dias que tem estado muito calor. Então nós, quando vamos para o campo, fazer qualquer serviço, temos muito calor, porque temos de puxar pelas forças e depois ponho-nos a beber água e arranjamos constipações. Então, quando começar o Verão é que vão ser elas, mas tem que ser, porque senão não temos que comer, e além do mais temos que nos habituarmos, pois já somos muito grandinhas. Qualquer dia somos nós que fazemos as sementeiras todas e depois tanto faz estar sol como chuva, pois nós estamos cá para aprendermos a ser umas mulheres trabalhadoras e honestas.

O nosso trabalho tem dado bom resultado, graças a Deus. As batatas que foram plantadas por nós estão bem bonitas e já têm um mês. O Senhor Engenheiro Melo disse que ainda este ano não tinha visto batata tão linda como o nosso. E as que plantámos mais tarde também já estão a nascer. Vem tão gordinhas...

Edite

Paço de Sousa

* A malta da tipografia tem uma Enda rolinha no escritório da administração do jornal «O Gaiato». Tal como os donos, anda sempre livre, anda por todo o lado. Voa para cima das máquinas, das mesas, das nossas cabeças, enfim até para cima dos jornais ela voa. Isto quer dizer que o amigo leitor não estranhe se acaso o seu jornal aparecer com o lacre da nossa rolinha. Ela não faz aquilo por mal, mas, por uma necessidade.

Tudo isto vem a propósito das muitas aves de estimação que estão espalhadas pelas nossas oficinas.

Os alfaiates lá têm os seus canários muito lindos, sempre bem tratados pelos amigos alfaiates.

Os sapateiros, para não fugirem à regra, lá têm um casal de rolas com rolinhas pequeninas. Estão engaioladas, bem assim como o casal de pegas. Também estas andavam livres, mas os clientes da sapataria (nós) queixaram-se e com razão — que os sapatos nunca serviram de casa de banho a ninguém e por conseguinte seriam impróprios para as ilustríssimas avezinhas.

Na tecelagem, há penas, muitas penas e só penas de pavão; pois esta ave não gosta de prisão e corre a aldeia toda durante o dia, gosta das árvores e ouvem-se a cada momento as suas gaitadas, além disso, suponho que os nossos pavões não suportavam tamanha burulhata dos nossos teares que não cansam de fabricar pano cru e sarja.

Os serralheiros, esses são mais finos e não quiseram aves. Assim dedicaram-se a um coelhinho muito vivo que apanharam não sei aonde.

Os nossos famigerados serralheiros tinham grandes planos para uma grande festa com o referido coelhinho. Este prevendo o que lhe estava reservado, resolveu abandonar a coelheira deixando um cartão escrito: «Adeus compadres até à volta. Só voltarei, se os patrões me tratarem melhor. Assina o Senhor Coelho».

Os mais interessados, trataram de se pôr em acção, mas tão fracos foram os investigadores que saíram todos de barrete enfiado.

Entretanto o coelho ainda é vivo — pelo menos por enquanto — e enquanto isto se desenrola alguém goza o patinho, mas lá diz o velho ditado: «O último a rir é que se ri melhor».

Falei das oficinas e não quero excluir a carpintaria. Estes têm madeira suficiente para construir gaiolas, mas teriam de ser tão grandes quanto o operário, mas como era dispendioso, andam à solta; assim vão fazendo alguma coisa os grandes pardais da carpintaria.

João da Rocha

SETÚBAL

* «Cereja» fugiu-nos. Já o fez doutra vez. Agora a ferida sangrou mais. Ele é o chefe da nossa tipografia. Tem responsabilidade. A idade, aquela ânsia de liberdade que o mundo oferece aos desprezados, fez com que ele fugisse do nosso meio. Ele é nosso, muito nosso, por isso não descansamos enquanto o não achámos. Fomos por ele a uma tipografia que o aceitara para o explorar, pois sabia que ele era nosso e recebeu-o sem nos dizer nada. Nós sendo pais, fomos ali como polícias, reaver «o que considerávamos perdido». Cada um dos rapazes é filho da Casa do Gaiato: direito que nos vem da responsabilidade moral que tomamos perante Deus e perante a Sociedade, quando acolhemos em nossas Casas o rapaz das ruas. Se a um pai carnal cabe o direito civil de poder possuir um filho, a nós, que não o sendo sofremos ainda mais, não nos cabe esse direito?!

Pois quer haja lei, quer não haja que nos ajude, nós vamos sempre à procura dos filhos que são nossos, por via das dores que nos dão, e do Amor que lhes temos.

«Cereja» veio, e encontra-se de novo naquilo que é seu. A nossa felicidade, é a mesma daquele pai do Evangelho, na parábola do filho pródigo.

Nós andamos e trabalhamos pela L.E.I. assim a lei seja por nós.

Ernesto Pinto

VISITANTES

A época deles começou. Não que os não haja sempre ao longo do ano. Mas com a Primavera começa a engrossar o fio de água e no Verão é a enxurrada.

Quem dera que ela não fizesse estragos!... Mas é próprio das enxurradas não só penetrar o chão, mas, quantas vezes, arrastá-lo também!

Assim é connosco na «estação» calmosa. Os visitantes são uma presença geralmente simpática e benéfica.

Mas nem todos sabem respeitar o chão que pisam, nem as árvores de fruta nele implantadas; também o que o bom senso iluminaria: a inconveniência de dar dinheiro ou coisas a um qualquer, quando há os cicerones de serviço, únicos habilitados a receber o que nos quiserem dar.

Os nossos «Batatinhas» então, são mártires desta falsa mentalidade que julga ser bondade atacar uma criança de comestíveis até à saturação. Para fugir a este risco bem real; por amor de evitar as dores de barriga dos domingos à tarde e das segundas-feiras — eles passam os feriados de verão sequestrados. E os «tribunais» por causa dos dinheiros aceites indevidamente, não podem ter férias.

Hoje, porém, eu queria falar de outro tipo de visitantes: São

* Zéinho é agora o nosso Rei. Senhor P.e Acílio foi por ele a Sines. Ele tem 3 anos. Do seu corpo raquítico sobressaía a cabeça e a barriga. Não tinha músculos. No dia da sua chegada, houve delírio da nossa parte, por vermos Cristo Vivo, sofredor por via das nossas omissões, por causa do nosso egoísmo, por julgarmos que Ele foi pró Céu, e não vive em cada um dos nossos irmãos.

Zéinho é testemunho da nossa apatia por tudo quanto não queremos saber dos outros. Ele acusa-nos do conceito errado que fazemos de Cristo no Calvário. O Cristo das dores não é de há dois mil anos: Ele é o Zéinho inocente; é a mãe pecadora, que se fecha dentro da barraca para estar com este e com aquele; é o pai, que está preso e sente ânsia de liberdade.

Quem são os nossos filhos, de onde eles vêm, porque os amamos! Cristo é um amigo. Estar com Ele, é vermos em cada um dos nosos irmãos a Sua presença. O Amor de Deus, é isto: viver com Ele nos nossos irmãos, para os resgatarmos, chamá-los, sentindo, sofrendo e esforçando por diminuir os seus problemas.

O nosso Zéinho tem sido para nós um renascer: Cada dia que lhe pegamos, vamos a pouco e pouco sentindo o seu peso aumentar, a sua fala vai-se desenvolvendo, e o nosso coração vai tendo mais sede de trazermos outros Zéinhos que se arrastam na sujidade da barraca, e que nos ensinam a viver a Vida.

AREIAS do CAVACO

Cont. da PRIMEIRA página

Mas se virem a realidade, hão-de amá-la muito mais.

Ao Cubal e à Ganda e regiões mais próximas, iremos de seguida. Sá da Bandeira, embora noutra linha, também está incluída no nosso programa deste ano.

Como não nos é possível ir com antecedência a todas estas terras, a preparar, pedimos

que entre os mais apaixonados se levante um que nos possa ajudar no arranjo da Casa de espectáculos, na marcação de datas e com quem possamos estar em comunicação.

Para estas deslocações podemos dispor apenas do mês de Agosto e primeiros dias de Setembro. Ficamos à espera de que nos faleis.

Padre Manuel António



Visado pela

Comissão de Censura